

Ambiente escolar estimula fracasso

Ninguém mais que a psicóloga Maria Helena Souza Patto concorda com o ditado de que o tempo é o grande conselheiro. Maria Helena, livre-docente em Psicologia da Educação, arrancou de uma exigente bancada do Instituto de Psicologia da USP, em 73, um dez com louvor pela apresentação do trabalho de mestrado em que atribuía às condições sócio-econômicas da criança a causa de seu mau rendimento escolar. A dissertação se transformou num livro que a autora não recomenda a nenhum estudante. Ela mudou de idéia e, agora, responsabiliza a escola — e não a criança — pela “produção do fracasso escolar”.

Maria Helena passou dois anos em uma escola da periferia de São Paulo, para redigir, entre 85 e 86, sua tese de livre-docência. Opondo-se aos princípios do livro **Privação Cultural e Educação Compensatória Pré-Escolar**, título de sua dissertação de mestrado, ela novamente arrancou um dez perante uma bancada que ouviu atentamente as explicações de que a criança em geral, mesmo pobre, vai para a escola carregando um grande potencial de aprendizagem. “Mas, ali, ela encontra professores desestimulados e um ambiente agressivo e se retrai”, diz ela.

A tese da escola desinteressante — acrescenta Maria Helena — pode explicar a crescente reprovação de alunos em Ciências e Matemática, na rede pública. “Em geral, os professores transformam em conteúdos desinteressantes disciplinas de muito significado para a criança”, analisa. Parte do trabalho de Maria Helena está centrado no preconceito do professor, que vê no aluno da escola pública uma “criança irresponsável e promiscua”.